



SEÇÃO: JAMES BALDWIN, NA ERA DE VIDAS PRETAS IMPORTAM

A violência do heterossexismo racializado em James Baldwin e Maya Angelou¹

The violence of racialized heterosexism in James Baldwin and Maya Angelou

Lunara Caroline

Nascimento Gomes²

orcid.org/0000-0003-2808-6013

lunaracnascimento@gmail.com

Recebido em: 19 abr. 2021.

Aprovado em: 6 dez. 2021.

Publicado em: 31 maio 2022.

Resumo: A partir de dois personagens da literatura estadunidense serão discutidos temas como a solidão e violência de base heterossexista. Será possível visualizarmos a força da literatura de James Baldwin (2018) e Maya Angelou (2020) ao estabelecermos possíveis pontes analíticas com teóricas feministas negras como Patricia Hill Collins (2019) e bell hooks (2019, 2020). Em tempos de “Vidas negras importam”, os escritores em destaque têm um lugar garantido na luta incessante contra todos os tipos de opressão e através de personagens como Rufus Scott e Coleridge Jackson, James Baldwin e Maya Angelou (respectivamente) chamam a atenção para as encruzilhadas de opressões que podem se estabelecer nas relações interpessoais de pessoas negras.

Palavras-chave: Literatura americana. James Baldwin. Maya Angelou.

Abstract: Based on two characters from American literature, themes such as loneliness and heterosexist violence will be discussed. It will be possible to visualize the strength of the literature of James Baldwin (2018) and Maya Angelou (2020) when establishing possible analytical bridges with black feminist theorists such as Patricia Hill Collins (2019) and bell hooks (2019, 2020). In times of Black Lives Matter, featured writers are assured a place in the relentless struggle against oppression of all kinds and through characters such as Rufus Scott and Coleridge Jackson, James Baldwin and Maya Angelou (respectively) draw attention to the crossroads of oppressions that can be established in the interpersonal relationships of black people.

Keywords: American Literature. James Baldwin. Maya Angelou.

Introdução

Ambientado na década de 1950 em Nova York, o romance *Terra estranha* de James Baldwin apresenta uma narrativa densa através de interessantes personagens, a partir dos quais, o escritor propõe a discussão de temas como identidade, sexualidade, racismo e relacionamento inter-racial. Assim como sugerido pelo título, o autor nos convida a refletir a respeito das estranhezas advindas das interações humanas e dos relacionamentos afetivos.

De maneira geral, o romance vai se desenvolver em torno de um grupo de amigos (Ida, Cass, Richard, Eric, Vivaldo, principalmente) que transitam pelo Harlem e pelo Greenwich Village (bairros novaioquinos) e pela França. O romance, dividido em três partes, nos apresenta aos



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Este artigo faz parte do processo de doutoramento, que conta com incentivo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil.

poucos algumas das vivências dos personagens que, de alguma forma, estão ligados a um personagem específico e que tiveram suas vidas profundamente marcadas pela amizade com ele. É sobre a história desse personagem que pretendo me debruçar neste artigo e é através dele que a narrativa se inicia.

Escrito na década de 1960, o romance exibe de maneira muito sensível e detalhada as particularidades de cada personagem (distinções relacionadas às categorias de gênero, raça, classe e sexualidade) mas que convergem na busca desesperada por reconhecimento e amor. O que parece ser uma narrativa simples vai se mostrando complexa a partir das paixões que movem cada personagem e através dos temas delicados e necessários que o autor faz emergir. Ao avançarmos no romance, começamos a perceber as dinâmicas afetivas entre os amigos, os esforços de aproximação bem como as tensões que os distanciam. Sendo assim, busco discutir alguns pontos descritos sobre Rufus, um único personagem que nos provoca uma série de reflexões como estereótipos racistas, relacionamento inter-racial, solidão e saúde mental da população negra. Tudo isso apenas na primeira parte do romance.

1 Dinâmicas de (não) reconhecimento em James Baldwin

O primeiro capítulo do livro, intitulado "Easy rider", nos apresenta um período curto da vida de Rufus Scott, um baterista negro de jazz que vive em Nova York. De início, nos deparamos com a conhecida solidão dos grandes centros urbanos que, no caso desse personagem, é ainda mais agressiva:

Os grandes prédios, apagados, cegos como o falo ou afiados como a lança, velavam a cidade que nunca dormia. Em meio a eles Rufus caminhava, um dos condenados – pois o peso dessa cidade era assassino –, um dos que haviam sido esmagados no dia, o que ocorria todos os dias, em que essas torres desabaram. Completamente só, e morrendo por isso, ele era parte de uma multidão sem precedentes (BALDWIN, 2018, p. 16).

Preso às lembranças de uma vida anterior, quando ele tocava em uma banda e se sentia respeitado e admirado por outras pessoas, Rufus lamentava que em outros espaços o tratamento fosse distinto devido à cor de sua pele. Ao longo da narrativa, nos deparamos com o frequente desconforto do personagem acerca dos olhares de algumas pessoas brancas:

Ele estava na Sexta Avenida, as luzes do trânsito e as luzes dos táxis brilhando à sua volta. Duas garotas e dois rapazes, brancos, estavam na esquina oposta, esperando o sinal fechar. Meia dúzia de homens, em um carro reluzente, passou gritando para eles. Depois veio alguém perto do seu ombro, um rapaz branco com um quepe que parecia militar e jaqueta de couro preto. Olhou para Rufus com a maior hostilidade, depois foi andando pela avenida, indo para longe, mexendo a bunda como se fosse uma bandeira. Ele olhou para trás, parou sob a marquise de um cinema. O sinal fechou. Rufus e os dois casais andaram em direções contrárias, se encontraram no meio da avenida, passaram – uma das garotas olhou para ele com uma espécie de assombro piedoso (BALDWIN, 2018, p. 106).

Nesse sentido, é interessante resgatarmos os argumentos de uma obra clássica que nos ajuda a refletir a respeito dessas sensações do personagem em questão. Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* discute, dentre outras questões, o processo de reconhecimento ou não reconhecimento dos homens negros pelas pessoas brancas e de como esse processo leva a outro, o de inferiorização pelos outros e por si próprio. É facilmente percebido como o personagem se sente ao lembrar-se de um período anterior de sua vida, onde se sentia minimamente reconhecido por seu talento como baterista. Em relação a essa constatação, resgato o argumento de Frantz Fanon:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida (FANON, 2008, p. 180).

A partir desse trecho, podemos associar essa

importância do reconhecimento desenvolvida por Frantz Fanon às experiências vivenciadas por Rufus, personagem que começa a desenvolver um grande sofrimento devido à falta de reconhecimento das pessoas ao seu redor ou devido ao reconhecimento equivocado e originado por práticas racistas. Além da perda do status de baterista, o personagem passa a se esconder dos amigos e familiares por causa de um desentendimento com a ex-namorada, Leona, uma jovem branca do Sul. À essa altura, somos apresentados a um personagem em plena decadência, descrito com uma aparência preocupante (cabelo emaranhado, mau cheiro e esfomeado), ou seja, alguém que está "perdendo seu valor" e seu sentido de vida. Na frente de um clube de jazz, Rufus passa por um dos muitos momentos de angústia:

Ele queria entrar e ir ao banheiro, mas estava com vergonha de sua aparência. Vinha se escondendo, na verdade, fazia cerca de um mês. Em sua cabeça, via a si mesmo se arrastando em meio àquela multidão até o banheiro e rastejando de volta enquanto todos olhavam para ele com pena, ou sarcasmo, ou zombaria. Ou alguém sem dúvida ia sussurrar *Aquele não é o Rufus Scott?* (BALDWIN, 2018, p. 17).

A vergonha ou a raiva suscitada pelos olhares dos indivíduos brancos nos leva a outras argumentações provenientes da obra de Frantz Fanon, como por exemplo, a sensação de ser visto/definido pelo corpo, pela cor da pele e que leva a profundas crises de identidade e de autodefinição:

Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. Num mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (FANON, 2008, p. 104).

Ainda que Rufus começasse a se relacionar com uma moça branca, os olhares intimidadores e racistas não cessaram e James Baldwin apresenta outra interessante reflexão a respeito dos relacionamentos inter-raciais nos Estados Unidos

e de como eles são questionados. O relacionamento entre os jovens seria, inclusive, criticado pela irmã de Rufus, a jovem Ida:

Eles encontraram o grande mundo ao sair para as ruas no domingo. O mundo olhou sem nenhuma simpatia para os dois através dos olhos das pessoas que passavam; e Rufus se deu conta de que ele não tinha pensado nem um minuto sobre este mundo e seu poder de ódio e destruição. Não tinha pensado nem um minuto em seu futuro com Leona, já que ele jamais havia pensado que eles fossem ter um. No entanto, lá estava ela, com a clara intenção de ficar caso ele a quisesse. Mas o preço era alto: problemas com o dono do apartamento, com os vizinhos, com todos os adolescentes do Village e com todo mundo que aparecia por lá nos fins de semana. E a família dele ia ter um chique. A reação do pai e da mãe nem importava tanto – o chique deles, que já durava toda uma vida, era quase um reflexo. Mas ele sabia que Ida ia odiar Leona na hora. Ela sempre havia esperado muito de Rufus, e tinha plena consciência racial. Ela ia dizer: você nunca ia olhar pra essa menina, Rufus, se ela fosse negra. Mas você fica com qualquer caipira de merda só porque é branca. Qual é o problema? Você tem vergonha de ser negro? (BALDWIN, 2018, p. 42).

Mais uma vez se faz necessário manifestar algumas das ideias de Frantz Fanon. No capítulo intitulado "O homem de cor e a branca", o autor, para ilustrar seus argumentos, traz à tona o personagem Jean Veneuse. Esse personagem retirado de uma obra de René Maran é apresentado como um homem preto, de origem antilhana que reside na Europa e que quer "provar aos outros que é um homem, que é um semelhante. Mas não nos enganemos: é Jean Veneuse quem precisa ser convencido disso" (FANON, 2008, p. 71).

Além disso, Fanon problematiza o desgaste psicológico vivenciado por Jean Veneuse e que, de certa forma, se aproxima do emblemático personagem de James Baldwin: "Jean Veneuse gostaria ser um homem como os outros, mas sabe que sua situação é insustentável. Ele é um pedinte. Ele procura a tranquilidade, a permissão nos olhos do branco. Pois ele é "o Outro" (FANON, 2008, p. 78). Como se verifica no trecho acima, Rufus se inquieta ao pensar na permissão ou não das pessoas brancas a respeito de seu relacionamento afetivo com uma mulher branca.

No entanto, o relacionamento tem fim e não

foi por causa da opinião dos outros personagens, mas devido ao próprio comportamento de Rufus, permeado por agressões físicas à namorada. Esse desdobramento no desenvolvimento do personagem reflete um agravamento do seu sofrimento, suscitando nos leitores uma série de importantes reflexões. A situação grave do relacionamento é descoberta pelo melhor amigo de Rufus, Vivaldo, e ele faz com que o casal se distancie para proteger Leona:

Uma noite Vivaldo foi visitar os dois no último apartamento onde moravam. Eles escutavam os apitos das balsas o dia inteiro, a noite toda. Vivaldo encontrou Leona sentada no chão do banheiro, cabelo nos olhos, rosto inchado e sujo de lágrimas. Rufus andava batendo nela. Ele sentou em silêncio na cama. "Por quê?", gritou Vivaldo. "Não sei", Leona soluçou, "eu não fiz nada. Ele me bate o tempo todo, por nada, por nada!" Ela respirou ofegante, abrindo a boca como um bebê, e naquele instante Vivaldo realmente odiou Rufus, e Rufus soube disso. "Ele diz que estou dormindo com outros garotos negros nas suas costas, e não é verdade, Deus sabe que não é verdade!" (BALDWIN, 2018, p. 73).

Em relação especificamente à violência de gênero apresentada nesse trecho, estabeleço um diálogo com bell hooks, uma vez que a autora desenvolve uma importante argumentação a respeito dos relacionamentos afetivos entre pessoas negras. Antes de mais nada, é interessante observarmos o esforço de James Baldwin ao trazer para a constituição do seu romance a possibilidade de problematização desse tema complexo, teorizado, neste caso, por bell hooks.

Em *E eu não sou uma mulher?* (2020), a autora dá início ao capítulo "O imperialismo do patriarcado" com a discussão que faz referência à pouca atenção dada aos desdobramentos do sexismo pelo movimento contemporâneo feminista. Em vista disso, as mulheres das classes mais abastadas que estavam à frente do movimento pareciam não se preocupar com as consequências danosas geradas pelo sistema patriarcal, a partir do qual, homens, no geral, gozam de privilégios subalternizando as mulheres (HOOKS, 2020, p. 145).

Muito da violência contra mulheres nesta cultura é promovida pelo patriarcado capitalista que incentiva homens a se verem como privi-

legiados, enquanto diariamente os destitui de humanidade em trabalhos desumanos e, como consequência, eles usam violência contra mulheres para resgatar o senso de poder e masculinidade que perderam (HOOKS, 2020, p. 173).

No caso da narrativa ficcional, acima foi exposta a aflição do personagem Rufus em relação à falta de reconhecimento das pessoas ou pelos olhares de reprovação originados pelo racismo típico dos Estados Unidos e desta maneira, podemos pensar a importância de ser baterista de uma banda de jazz e da consequente decadência emocional após o término da banda.

Por outro lado, sabemos da diversidade de estereótipos reproduzidos em relação aos homens negros (perigosos, violentos, maníacos sexuais, por exemplo) e nesse sentido, bell hooks chama a atenção para a importância de nos questionarmos sobre a construção da masculinidade patriarcal e pensarmos sobre os comportamentos desse tipo de opressão absorvidos pelos homens negros em *Olhares negros: raça e representação* (HOOKS, 2019, p. 174):

Agindo em cumplicidade com o status quo, muitas pessoas negras absorveram passivamente representações estreitas da masculinidade negra, perpetuaram estereótipos, mitos, e apresentaram relatos unidimensionais. Homens negros contemporâneos foram moldados por essas representações (HOOKS, 2019, p. 174).

Através desse ângulo, a "honra da masculinidade" defendida por Rufus serve para justificar sua violência ao alegar que está sendo traído e funciona destarte como um reflexo preciso da defesa da masculinidade hegemônica, discutida por bell hooks. No entanto, em uma das conversas com seu amigo Vivaldo, Rufus oferece outra justificativa para os atos violentos contra Leona:

"A Leona te ama..."

"Ela ama tanto os pretos", disse Rufus, "que às vezes eu não aguento. Sabe o que essa garota sabe sobre mim? A única coisa que ela sabe?" Rufus pôs a mão sobre o sexo, brutalmente, como se fosse arrancá-lo, e pareceu contente de ver Vivaldo estremecer. Sentou na cama de novo. "Só isso" (BALDWIN, 2018, p. 88).

Muitos dos estereótipos desenvolvidos e re-produzidos a respeito dos homens negros fazem referência à sexualidade ou ao próprio órgão sexual, como denunciado pelo personagem Rufus. Sobre essa questão, o sociólogo Deivison Faustino é enfático em seu artigo "O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo": "Isso significa, antes de qualquer coisa, que o elogio ao (descomunal, excessivo e animalizado) pênis e/ou desempenho sexual do negro muitas vezes esconde justamente a impossibilidade de reconhecer sua humanidade em outras instâncias da vida" (FAUSTINO, 2014, p. 85). A fala do personagem acaba por indicar o desespero que o mesmo sente ao se ver como parte de um processo de objetificação ou inferiorização, como apontado por Frantz Fanon: "[...] o preto se inferioriza. A verdade é que ele é inferiorizado" (FANON, 2008, p. 133). É interessante notarmos que tanto a primeira causa do sofrimento do personagem (os olhares constrangedores dos brancos) como a questão do seu sexo convergem para a redução do homem negro à dimensão corporal, como "algo" que não consegue ir além do corpo. Nesse sentido, bell hooks se faz necessária mais uma vez, quando afirma que:

Qualquer análise da difícil situação contemporânea dos homens negros revela a forma como o falocentrismo está na raiz de boa parte da violência dos negros contra os negros, enfraquece as relações familiares, influencia a falta de cuidados preventivos com a saúde e até desempenha um papel no estímulo ao abuso de drogas. Muitos dos hábitos destrutivos dos homens negros são adotados em nome da "virilidade". Afirmando sua capacidade de serem "durões", de serem "descolados", os homens negros põem suas vidas – e as dos outros – em sério risco (HOOKS, 2019, p. 209).

A dificuldade de lidar com frequentes situações de cunho racista e outras impossibilidades originadas pelo racismo estrutural são chaves fundamentais para tentarmos entender um pouco do sofrimento desse grupo específico de homens e do personagem fictício em questão. Deivison

Faustino nos convida a pensarmos no modo a partir do qual o racismo acaba delimitando a construção de uma determinada masculinidade.

Para o autor, o homem negro é constantemente barrado socialmente pelo racismo, muitas vezes é impossibilitado de vivenciar a função de provedor e ao mesmo tempo, se vê afundado em estereótipos que o colonialismo definiu para ele e por conta de todo esse contexto, sentirá uma grande dificuldade de corresponder às expectativas da masculinidade hegemônica (FAUSTINO, 2014, p. 89). Sobre essa noção de masculinidade hegemônica², ainda que seja formulada através de uma norma dominante, é importante destacar que os indivíduos transitam por ela de maneira particular devido às categorias como raça, classe e geração, por exemplo, e é através da ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade, que podemos desenvolver análises de determinadas experiências dos homens ou dos personagens fictícios.

Assim, se faz necessário salientar que não há uma masculinidade negra, mas algumas masculinidades negras. Entretanto, o ideal de masculinidade hegemônica nos ajuda a contextualizar muitas questões, comportamentos e trajetórias (FAUSTINO, 2014, p. 77).

Dentro desse modelo hegemônico, o homem negro age em caráter performático com o objetivo de alcançar status e visibilidade e conseqüentemente tentar superar a condição de invisibilidade ou de desajuste dentro da sua própria sociedade, de acordo com o sociólogo Túlio Custódio (CUSTÓDIO, 2019, p. 153). Essa procura pode levar o homem negro a desenvolver uma subjetividade neurótica relacionada às características típicas do patriarcado como a violência, a busca por controle/defesa da honra e rivalidades diante de outros homens (CUSTÓDIO, 2019, p. 155).

O exercício da performance da masculinidade do homem negro é uma performance que não atinge o simbólico efetivo, a ética. Ela se exerce no concreto da estética, mas de maneira *metonimizada*, que simboliza e,

² Há, no artigo de Raewyn W. Connell, uma discussão interessante a respeito da masculinidade hegemônica onde a autora afirma: "Os dados existentes são claros em mostrar que as masculinidades hegemônicas são produzidas juntamente – e em relação – com outras masculinidades" (CONNELL, 1995, p. 190).

ambivalentemente, evidencia, exacerbando a realidade do que se gostaria de representar: poder, autoridade, reconhecimento. A autoridade pretendida pela perspectiva ética do masculino (poder) se exerce ao performar materialmente esse desejo (controle e rivalidade), mas não se completa. O pênis que satisfaz incessantemente o desejo sexual do Outro; a vontade de prover, de evidenciar a posse desses instrumentos de autoridade; ou a própria violência como forma de expressão de sua existência masculina, existência que só poderia ser evidenciada com implicação concreta de exercer sobre o Outro controle através de um ato físico violento. O problema é que o exercício concreto do simbólico é o que caracteriza sua impotência: ao não poder Ser para além da imagem, esse simbólico é emulado e paradoxalmente compreendido, pelo Outro, que nada ali há além de imagem e fragilidade de autoridade (CUSTÓDIO, 2019, p. 157).

Sobre essa questão, além de agredir fisicamente a namorada, Rufus também brigava com homens brancos em bares e era constantemente expulso desses lugares: "Os olhares de seus amigos lhe diziam que ele estava afundando. Seu próprio coração dizia isso. Mas o ar por onde ele avançava era sua prisão e ele não conseguia sequer reunir fôlego suficiente para pedir socorro" (BALDWIN, 2018, p. 71). De acordo com os argumentos de Túlio Custódio, é possível pensarmos na frustração de Rufus causada pelo não reconhecimento de si pelos outros e na conduta que ele assumiu para dar vazão a esse sentimento. Ao ter o exercício da masculinidade reprimido de reconhecimento pleno, ele direciona toda a sua raiva para um lugar equivocado de realização (CUSTÓDIO, 2019, p. 13).

Além disso, é importante destacar a presença de outro sentimento relacionado ao personagem de James Baldwin, a solidão. Além desse trecho acima que indica a dificuldade de Rufus de pedir ajuda, há outro momento do romance, onde Leona diz para Vivaldo: "A única pessoa que o Rufus vai matar é ele mesmo se não encontrar um amigo que o ajude". Ela fez uma pausa, sem ter entrado totalmente no carro. "Você é o único amigo que ele tem no mundo, Vivaldo" (BALDWIN, 2018, p. 78). Como já citado, Vivaldo é a pessoa que interfere na dinâmica do casal, levando Leona embora da casa de Rufus. A amizade entre

os dois é explorada através de outros trechos do primeiro capítulo, inclusive, os dois são amigos muito próximos. O que não quer dizer que não existam tensões próprias de um relacionamento inter-racial, uma vez que Vivaldo também é branco. Por outro lado, fica evidente o quanto Leona e Vivaldo amam Rufus e fazem de tudo para ajudar o amigo, o que não parece suficiente para consolá-lo:

Não preciso de companhia nenhuma. Já tive companhia suficiente para o resto da vida. Como eu odeio essa gente... todos esses brancos filhos da puta lá fora. Eles querem me matar, você acha que eu não sei? O mundo é deles, cara, desses veados filhos da puta, e eles querem me tirar do mundo, eles estão me matando [...] Às vezes eu fico escutando esses barcos no rio... fico escutando os apitos... e acho que ia ser bacana entrar outra vez num barco e ir para algum lugar longe dessa gente, um lugar onde um homem é tratado como um homem (BALDWIN, 2018, p. 87).

O sentimento de ser excluído em seu próprio país, de ser observado com olhares de desaprovção e de ser definido através de um processo de inferiorização (o qual define quem é homem e quem não é) levam o jovem personagem a um nível de sofrimento elevado que consegue ser minimamente compreendido através da ferramenta teórica da interseccionalidade. De acordo com Túlio Custódio, a análise interseccional é um importante mecanismo analítico que ajuda-nos a delinear as características de uma determinada masculinidade negra, que ele define como um lugar de privilégio subordinado onde predominam as vivências de empoderamentos insuficientes, vulnerabilidades emocionais e suscetibilidades psicológicas (CUSTÓDIO, 2019, p. 147).

A seu tempo, James Baldwin realiza um esforço de nos apresentar a trajetória de Rufus através de experiências muito particulares referentes às masculinidades negras, com seus próprios estereótipos e com sentimentos específicos. Pode-se verificar, portanto, uma relação direta entre racismo, solidão e sofrimento psíquico.

Esta dimensão é extremamente violenta à medida que os estereótipos são mitos fechados e racialmente atribuídos e, como tal, não correspondem à diversidade da vida. O

negro que por algum motivo não corresponde a alguns destes estereótipos vivencia um sofrimento psíquico intenso, pois além de não ser reconhecido como homem por ser negro, não consegue ser reconhecido como homem negro em todos os atributos reificados que envolvem este reconhecimento. O sentimento de inferioridade aqui não pode ser compensado pelos fetiches socialmente disponíveis e restará apenas um insuperável sentimento de desajuste. Continuará sendo invisível ou inferiorizado aos olhos do racismo, mas condenado a ser um desvio entre os desviados (FAUSTINO, 2014, p. 92).

Após um mês desaparecido, sem dar notícias aos familiares e amigos e de tentar uma reconciliação com Leona, sem sucesso, Rufus acaba cedendo ao peso do sentimento de desajuste e da condenação de ser sempre um marginalizado. Nesse ínterim, decide pôr fim à própria vida. É importante destacar que o estado de extrema solidão que encerra o primeiro capítulo está presente também no início do mesmo ao sermos apresentados à história do personagem. Além da solidão de Rufus, o término da trajetória da personagem Leona é também bastante triste e solitário:

Então, Rufus disse, ela foi levada para Bellevue, de onde ele não conseguiu tirá-la. Os médicos acharam que seria um crime deixar Leona sob a custódia do homem que tinha sido o principal motivo do seu colapso e que, além de tudo, não tinha nenhum vínculo legal com ela. Avisaram a família de Leona, o irmão veio do Sul e levou Leona com ele. Agora ela estava em algum lugar da Geórgia, olhando para as paredes de um quarto estreito; e ia ficar ali para sempre (BALDWIN, 2018, p. 91).

É interessante pensarmos na tentativa de James Baldwin de fazer com que nós reflitamos sobre a relação entre diferentes tipos de opressão. Dos ataques racistas sofridos por Rufus à violência de gênero sofrida por Leona, bell hooks se faz também indispensável quando fala da importância dos homens negros empregarem uma análise de teor feminista que tenha como objetivo a construção de uma masculinidade negra que não esteja relacionada ao falocentrismo patriarcal (HOOKS, 2019, p. 210) uma vez que esse tipo de masculinidade é uma força que acaba por destruir a comunidade negra, enfraquecendo

assim, os relacionamentos afetivos entre homens e mulheres (HOOKS, 2019, p. 203).

Além disso, a ênfase sobre o impacto do racismo sobre os homens negros refletiu uma imagem de que esses homens são emasculados e incapazes. Essa imagem é, por sua vez, tão intensa que segundo a autora, as pessoas são relutantes em discutir que esses mesmos homens podem manifestar outros tipos de opressão, o que obviamente, não podem ser justificados (HOOKS, 2020, p. 146).

É, portanto, nesse sentido, que bell hooks e James Baldwin convergem na medida em que percebemos que o personagem é, claramente, vítima tanto do racismo como do ideal de masculinidade patriarcal e por isso, acaba por oprimir sua companheira, a personagem Leona. A constituição desse personagem envolve a ausência do sentimento de pertencimento e acolhimento, a violência dos olhares das pessoas brancas, a sensação de não ser compreendido pelos amigos brancos, a solidão, ou seja, a apresentação de um indivíduo que não possui o direito de poder ser em toda a sua potência. O trágico fim do personagem aponta para o desespero de um indivíduo que não consegue se enxergar de forma plena, mas através de perspectivas que inferiorizam, constroem e adoecem, levando-o a um processo de rejeição de si.

2 Tradição de amor e dor em Maya Angelou

Nesse mesmo sentido, os desdobramentos referentes aos atos violentos do personagem Rufus desenvolvidos por James Baldwin podem ser discutidos em relação à descrição de outro personagem da literatura estadunidense. Em um dos poemas da *Poesia completa* de Maya Angelou, nós podemos conhecer a história de Coleridge Jackson:

Coleridge Jackson não tinha nada a temer. Ele pesava trinta quilos a mais que seus filhos e quarenta e cinco quilos a mais que sua esposa (ANGELOU, 2020, p. 248).

O personagem apresentado por Maya Angelou trabalha em um armazém onde escuta diversos xingamentos racistas proferidos por seu "chefe insignificante, um saquinho branco de ossos e olhos estrábicos" (ANGELOU, 2020, p. 248). Ainda que sinta muita raiva, Coleridge não consegue revidar a violência sofrida e sua reação é manter seus lábios fechados e olhos abaixados, contudo, o homem que sofre abusos racistas no trabalho é o mesmo que oprime sua família através da violência física.

A partir do momento que o chefe de Coleridge descobre que ele agride sua família, há uma identificação imediata em relação à violência exercida, no entanto, essa aproximação entre os dois tem fim a partir da distinção que o chefe insiste em reafirmar. Ambos podem ser homens violentos, porém, um deles é negro e por isso supõe-se que este pode sofrer outro tipo de violência:

Então, logo
depois do almoço, ele cismou
com Coleridge novamente.
"Aqui, Neguinho, venha aqui.
Você não consegue se mover mais rápido
do que isso? Quem na terra
precisa de um preto preguiçoso?"
E Coleridge apenas
ficaria lá. Seus olhos mirando
longe, à espera de alguma coisa a mais
(ANGELOU, 2020, p. 249).

Pode-se apreender que a maneira encontrada pelo chefe de inferiorizar Coleridge é através do uso de um antigo estereótipo racista, o de "negro preguiçoso". É dessa forma que ele demarca o distanciamento entre os dois homens, atestando assim, a função bastante eficaz dos estereótipos que produzem e mantêm imaginários sobre a população negra. Em relação a esse imaginário específico, bell hooks elucida:

Considerando essa aspiração e o trabalho físico brutal realizado por homens negros que eram a espinha dorsal da economia escravagista (havia mais homens escravizados do que mulheres, especialmente antes da reprodução se tornar uma prática comum), é realmente surpreendente que os estereótipos do negro preguiçoso e vagabundo tenham se tornado comuns tão rapidamente na imaginação pública. Nessas representações do século XIX e do começo do XX, os homens negros eram figuras caricatas interessadas apenas em beber e se divertir.

Tais estereótipos são uma forma eficiente de os brancos racistas apagarem da consciência pública a importância do trabalho do homem negro (HOOKS, 2019, p. 176).

Maya Angelou chama a atenção para os constantes abusos do chefe que fazem com que Coleridge direcione sua própria raiva para os seus familiares, o que poderia significar segundo Patricia Hill Collins, um processo de objetificação dos indivíduos envolvidos: "O heterossexismo racializado objetiva tanto os homens negros quanto as mulheres negras" (COLLINS, 2019, p. 265). Com esse processo de objetificação, sobretudo das mulheres, é possível consolidar situações complexas de violência doméstica. Nesse sentido, a socióloga demonstra preocupação com o que ela chama de "tradição de amor e dor" inserida em muitas relações afetivas entre pessoas negras:

A incapacidade de desconstruir uma situação em que a masculinidade negra é definida pela capacidade dos homens de "possuir" e "controlar" suas mulheres, ao passo que a feminilidade negra se define pela capacidade das mulheres de ajudar os homens negros estadunidenses a se sentir homens de verdade, pode levar a uma situação de abuso das mulheres afro-americanas (COLLINS, 2019, p. 268).

A conjuntura geralmente torna-se mais complexa a partir do momento que temos conhecimento da insistência do modelo patriarcal e da relutância de algumas mulheres em relação às típicas e nocivas atitudes socializadas desse modelo: "Como apontam as feministas negras estadunidenses, muitas mulheres negras rejeitam o feminismo porque o consideram contrário à família e aos homens negros. Elas não querem desistir dos homens – querem que os homens negros mudem" (COLLINS, 2019, p. 260).

Por esse ângulo, os escritores James Baldwin e Maya Angelou também demonstram interesse nessa mudança. Através de Rufus e Coleridge, os autores alertam para a destruição dos relacionamentos afetivos dentro da comunidade negra estadunidense. Além de apontarem as consequências dolorosas dos abusos racistas em relação aos homens negros e suas subjetividades,

destacam a violência de gênero, destacando e oferecendo visibilidade ao sofrimento de todas as vítimas envolvidas.

Considerações finais

A partir dos argumentos desenvolvidos por Hill Collins, é possível vislumbrar alguns caminhos que possibilitam a erradicação de determinadas violências. As opressões interseccionais que produzem outras violências, como as que foram originadas a partir do período escravocrata, tendem a fragilizar o poder dos grupos subalternizados (COLLINS, 2019, p. 258). No entanto, a rejeição dessas opressões pode fazer esse poder fluir nos diferentes relacionamentos afetivos (COLLINS, 2019, p. 257). O trabalho necessário para essa possibilidade, é, portanto, dever de todos os indivíduos com o objetivo em comum de minar os diversos abusos físicos e psicológicos. Em relação, especificamente, ao dever dos indivíduos negros, Hill Collins afirma ser imprescindível:

Evitar que sejamos reduzidos a "genitália e contracheque" requer o desenvolvimento de uma análise abrangente sobre a influência da política sexual vigente sobre as relações afetivas heterossexuais negras. No entanto, ao desenvolver essa análise, é importante termos em mente a distinção analítica entre o domínio do poder interpessoal – no qual homens e mulheres interagem como indivíduos – e as estruturas de poder subjacentes, que operam para estimular esses resultados individuais (COLLINS, 2019, p. 264).

James Baldwin, através de Rufus, leva seus leitores a refletirem sobre o impacto do racismo na subjetividade negra, a questionarem os próprios atos, afinal de contas, muitas das atitudes das pessoas brancas na narrativa colaboraram para o esgotamento emocional vivenciado pelo personagem. Esse processo de via única da racialização das pessoas negras desenvolve sentimentos como vergonha e desprezo de si, como bem apontado por Frantz Fanon: "Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal" (FANON, 2008, p. 109). Uma vez que o homem negro não consiga desvencilhar-se

da "maldição corporal" (FANON, 2008, p. 105) dentro de sociedades de base racista, o que podemos fazer enquanto sociedade para amenizarmos as causas desse sofrimento, da solidão latente em determinados indivíduos? Em tempos de "Vidas negras importam" o debate sobre saúde mental da população negra, por exemplo, deveria se fazer necessário e urgente, simultaneamente com outras discussões e ações práticas.

James Baldwin, através de *Terra estranha*, continua nos alertando para os cuidados e responsabilidades que devemos ter ao entrarmos em contato com as outras pessoas, uma vez que todos nós podemos ser vítimas e algozes. O autor nos adverte intensamente que somos "terra estranha" para o outro mas que algumas marcas de identificação nos nossos corpos podem nos distanciar ainda mais, gerando sofrimentos e solidões muito particulares.

É dessa forma que ambos (James Baldwin e Maya Angelou) chamam a atenção para as encruzilhadas de opressões que podem se formar nas relações interpessoais e, embora, estejam situando os personagens em um contexto específico, nesse caso, o estadunidense, não deixam de alimentar possíveis diálogos com outras narrativas e fatos sociais. Apesar dos distanciamentos e peculiaridades, Estados Unidos e Brasil convergem em desdobramentos bastante violentos, consequências diretas de processos referentes à exploração colonial e da subjugação de pessoas escravizadas. A partir dos personagens citados anteriormente é possível desenvolver análises que versam sobre temas tão atuais como a solidão, objetificação e saúde mental dos homens negros, corroborando assim, a potência das escritas de escritores como James Baldwin e Maya Angelou.

Referências

ANGELOU, Maya. *Poesia completa*. Tradução de Lubi Prates. Bauru, SP: Astral Cultural, 2020.

BALDWIN, James. *Terra estranha*. 1. ed. Tradução de Rogério Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 6 jan. 2022.

CUSTÓDIO, Tullio. Per-vertido Homem Negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 131-161.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: ALTERMAN, Eva Blay (org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Tradução de Bhuvli Libanio. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

Lunara Caroline Nascimento Gomes

Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife, PE, Brasil; graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife, PE, Brasil. Doutoranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife, PE, Brasil.

Endereço para correspondência

Lunara Caroline Nascimento Gomes
Universidade Federal de Pernambuco
Av. Prof. Moraes Rego, 1235
Cidade Universitária, 50670-901
Recife, PE, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.